

DA PÁGINA AO PALCO: DOIS CARICATURISTAS NA CENA DO TEATRO DE REVISTA

Maria Odette Monteiro Teixeira (Doutorado,
CNPQ)

História e Historiografia do Teatro

É em 1922, ano decisivo para a vida do brasileiro, que o caricaturista Raul Pederneiras escreve a peça "Vamos Pintar o Sete". Além da Semana 1922, aconteceu a Revolta dos 18 do Forte, a eleição de Artur Bernardes, a fundação Partido Comunista, e as Comemorações do Centenário da Independência. O texto de Pederneiras foi levado ao palco do Teatro Carlos Gomes pela Companhia de Paschoal Segreto, em novembro de 22. O texto, cujo conteúdo encontrei incompleto no Arquivo Nacional, não parece apresentar caricaturas pessoais de políticos da época, nem apresenta referências a fatos específicos da vida do país. A ação da peça apresenta algo próximo a um desfile de variedades, onde aparecem tipos, modas e hábitos da cidade.

O primeiro quadro, "Trapos e Farrapos", apresenta uma ruína, onde farrapos cantam a sua pindaíba e ensaiam propostas para sair dela. A primeira proposta é criação do jornal "O Trapo", órgão defensor da classe dos farrapos. Finalmente, surge a opção por uma Revista Teatral e parte-se para "cavar os assumptos".

O segundo quadro é o "O Beco das Novidades", local por onde passa uma variedade imensa de personagens. Vai-se do *Pedicura* à *Academia*, passando pelo *Suspensório*. O *Mordedor*, "profissional da dentada", malandro que vive às custas dos outros, é o personagem principal dessa cena. O jogo é presença significativa, do inocente *Pião* à experiente *Batota* (jogatina, na gíria da época). A apoteose da cena apresenta uma grande "cabeça de Turco" (simbolizando o povo), sendo malhada e achatada por munhecas e martelos colossais, nos quais se leem: impostos, taxas, ônus, políticas, etc.

O quadro seguinte, intitulado "As Cavações", é outro desfile jocoso de personagens, entre os quais estão: o cavador, as danças modernas, maestros, a melindrosa, o almofadinha, um crachá, um domador, etc. Há ainda um Sr. Belchior que tenta, sem êxito, faturar um almoço para sua família. "No Consultório" é o quadro no qual um médico atende uma diversa clientela, cujos sintomas são os mais exóticos.

No terceiro quadro (que encontrei incompleto), um sábio, da lista dos sete sábios gregos, recebe personagens, entre os quais estão uma das sete pragas e o bicho de sete cabeças. Também entram em cena a Virtude e o Vício. Aquela reclama por viver só e saudosa, enquanto o Vício canta animado: "Tudo no mundo é mesquinho para os males abafar. Jogo, amor, tabaco e vinho, são remédio salutar." Finalmente, entra a feminista Gabriela Teixeira das Chagas Grumixama e Silva, funcionária pública, da Seção de Aposentadorias, que vem requerer uma licença de nove meses para seu casamento. Infelizmente, o texto está incompleto e não é possível saber mais detalhes, contudo, levando-se em conta esse trecho, já é possível perceber a ironia do autor diante das reivindicações feministas.

Havia expectativas em torno desse texto, por se tratar de peça contemporânea à Semana de 22. Na dissertação da historiadora Laura Nery, há menção de que, em "Vamos Pintar o Sete", haveria ali críticas ao movimento paulista. No entanto, tal expectativa não se confirmou. Porém, como há um trecho perdido, é possível que as críticas estivessem ali contidas. Contudo, o que vale mencionar sobre esse texto, é que ele dá seguimento à dramaturgia anterior de Pederneiras. Como tema central têm-se as consequências que as mudanças na vida no Rio de Janeiro no início do século XX acarretaram no tecido social. O assunto da peça é a anarquia, ou seja, a confusão da vida nessa cidade, "regenerada", por um lado, mas instável e desigual do ponto de vista social. Como pontua Laura Neri, Pederneiras apresenta um verdadeiro registro etnográfico dos costumes e transformações da sociedade, pondo em evidência os marginalizados e pobres, que, contra tudo e contra todos, permanecem "cavando seu espaço" no cotidiano da cidade.

Diferentemente de Pederneiras, que construiu uma carreira importante no mundo do teatro, notadamente no Teatro de Revista, o caricaturista J.Carlos só escreveu uma peça chamada "É de Outro Mundo", em 1930. Malgrado a crise econômica e o clima instável, que precediam a Revolução de 1930, a montagem, cujo elenco era encabeçado por Araci Cortes, teve êxito nos palcos de Teatro Recreio, recebendo boas críticas. A música era de Ari Barroso.

O material referente a essa peça foi obtido diretamente com o Sr Eduardo Brito de Cunha, filho do caricaturista. Infelizmente, o texto não está completo. No acervo do Sr Eduardo havia uma publicação impressa pelo Theatro Recreio, com 22 coplas (falas rimadas) da peça e três pequenos trechos manuscritos intitulados: A Verdade, Pontas de Cigarro e Tantaló. É difícil traçar um juízo seguro e definitivo sobre o conjunto das cenas das coplas. Todavia, no encadeamento, há alguns indícios de se tratar de cenas onde se pode observar contraposições entre os valores humanos, como o luxo contrapondo-se ao lixo. A quadrinha recorrente da peça diz: "Não há rico, não há pobre, que valha um pequeno esbarro. Nem o roto, nem o nobre, vale a ponta de um cigarro." Merece destaque o fato de a canção "Esse Mulato Vai Ser Meu", interpretada por Araci Cortes, ser a primeira versão da música "No Rancho Fundo", cuja letra mais tarde será modificada por Lamartine Babo na versão que se propagou nas rádios.

Além das coplas, restam as três cenas do texto manuscrito, cujo conteúdo é mais espirituoso que a parte rimada. A primeira delas é "A Verdade", a qual começa com Mulambo e Maxambomba medindo o palco. De um lado, Mulambo mede 8.80m, do outro Maxambomba só consegue chegar ao 0. Trocam de trena, trocam de lado, mas o resultado matem-se absurdo. Na sequência Molambo diz: "Respeitável público, era nossa intenção fazer desfilar pelo palco todas as misérias humanas. Mais ou menos veladas pelo brilho offuscante da mentira solenne, mas o palco não colabora." E segue: "A empresa sente-se em séria dificuldade e, não desejando privar o público generoso do espetáculo que lhe promettera, fazendo desfilar uma a uma todas as misérias da vida, pede a cada um de vós o favor de trepar sobre uma cadeira e passar os olhos sobre a platéia. Vereis então o que não foi possível passar pelo palco." E, dirigindo-se a Maxambomba, diz: "Vamos embora Maxambomba. A verdade é uma mulher completamente nua!" E Max responde: "Que vergonha." E Mulambo acrescenta com um espelho na mão e Max conclui: "Que pouca vergonha!"

A segunda cena, com título de "Sorvete Coletivo", apresenta o presidente Washington Luís e seus ministros saboreando sorvete e contando casos amorosos. Na publicação do Teatro Recreio, não há referências a essa cena, nem aos personagens, o que me faz acreditar que esse quadro não entrou em cena, talvez impedido pela censura.

"Tântalo", a terceira cena, é praticamente sem fala. No Jardim do Russel, casais namoram, enquanto dois sujeitos (um gordo e um magro) estão num banco de Jardim. O magro, contaminado pelos casais, vai se aproximando do gordo até passar o braço no outro, que se esquiva dizendo: "- Olha só s'eu não m'agacho"

Mas, o tesouro que resta dessa encenação não é o texto, e sim as imagens do cenário e dos figurinos, projetados por J. Carlos. Ele imprime na cena uma espécie o *Art Decô* Carnavalesco que o projetou como desenhista gráfico. Apresentarei anexadas 6 fotografias da montagem.

A conclusão a que se chega é que, para um caricaturista, não há dificuldade em transpor para o palco imagens que ele está acostumado enquadrar e condensar nas páginas impressas. Portanto, J. Carlos e Raul Pederneiras possuem essa capacidade de encher de significado uma única imagem. O trabalho com os tipos, o emprego de personagens alegóricos e o engajamento com o cotidiano, tudo isso favorece o caricaturista no palco do Teatro de Revista. Mas há uma observação que merece destaque, algo que diz respeito ao uso da palavra. Tanto em J. Carlos, quanto em Pederneiras, a palavra é utilizada como legenda ou ilustração da imagem. Eles não se valem da prática do diálogo, pois a fala de seus personagens não desencadeia ações. Nesse sentido, são pioneiros do gênero, haja vista que criam histórias e charges sem usar o balão de diálogo. Mesmo usando uma palavra aperfeiçoada por trocadilhos e jogos de linguagem, a palavra não funciona como impulso para ação. Em verdade, a palavra ilustra, explica e ratifica significados que estão na imagem, mas muito raramente impulsiona a ação da peça.

Referências Bibliográficas

Nery, Laura Moutinho Cenas da vida carioca: Raul Pederneiras e a belle époque do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2000. Dissertação (Mestrado) - Departamento de História, Pontifícia Universidade.

SALIBA, Elias Thomé. Raízes do Riso. A representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.



1- Cena de É de Outro Mundo. Mesquitinha e Palitos



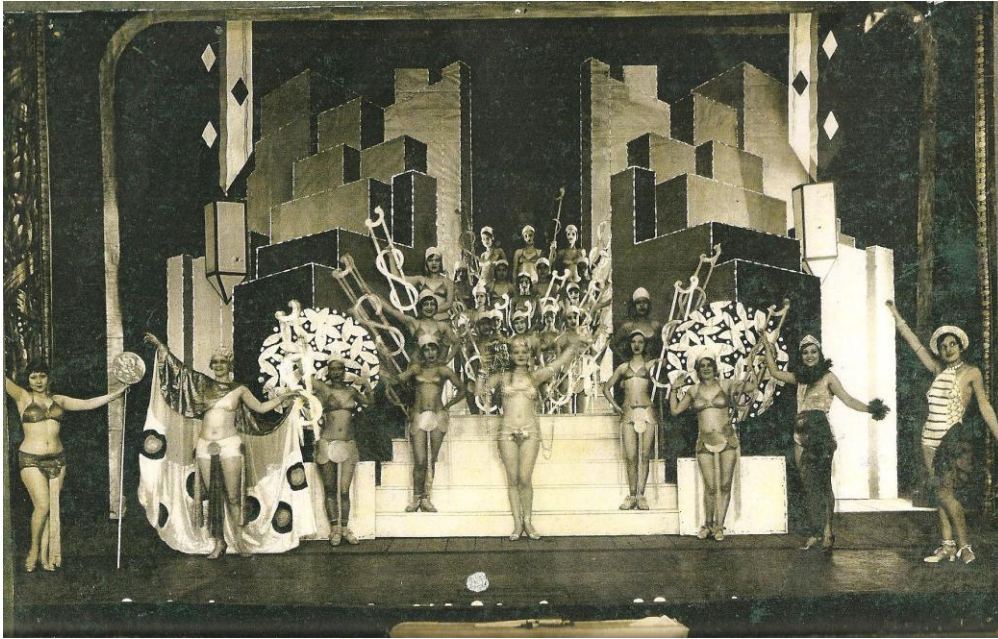
2- Será Você? . Yolanda Ribeiro e girls



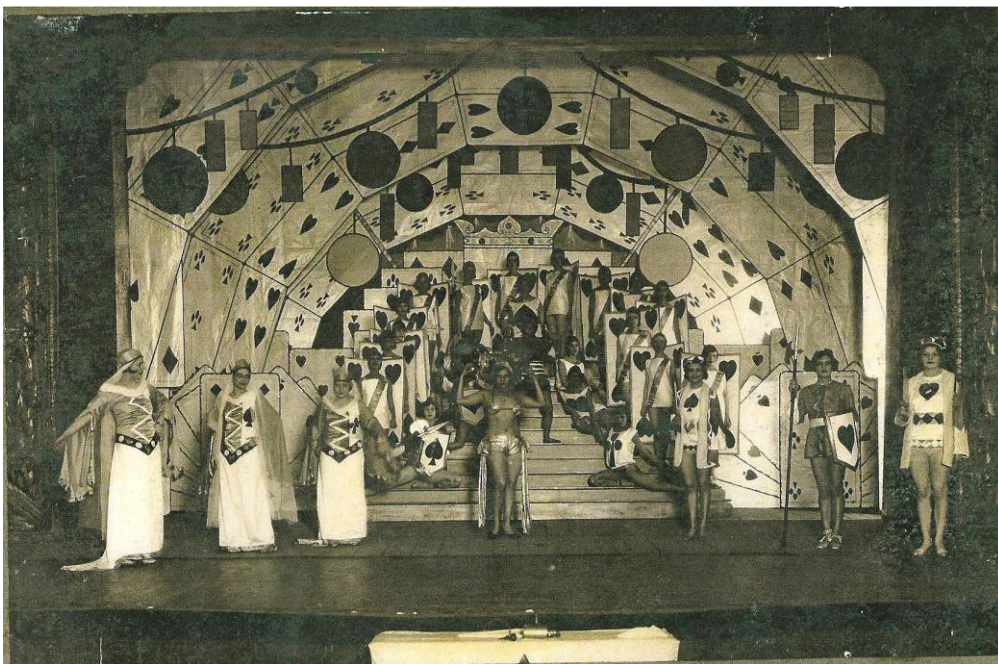
3- Esse Mulato Vai Sê Meu. Araci Cortes e girls



4- O Ferro de Tróia . Valery e girls.



5-Apoteose Primeiro Ato



6- Apoteose Final